

Lustosa da Costa

Uma campanha personalizada

Ass Const

A campanha eleitoral privilegia a disputa pelos governos estaduais em detrimento da eleição da Assembléia Nacional Constituinte e é, assim, inteiramente personalista. Discute-se quem tem melhores condições de gerir o estado e não os delegados à Constituinte, capazes de nos oferecer um novo texto constitucional, acorde com as aspirações da maioria da sociedade brasileira. O alinhamento ideológico se operara na Assembléia Nacional Constituinte quando, então, será pão-pão-queijo-queijo. Seus integrantes serão convocados a votar 300 a 400 vezes sobre reforma agrária, sistema financeiro, remessa de lucros para o exterior, direito de greve, participação dos empregados nos lucros das empresas, sobre estatização da economia e livre iniciativa.

Por enquanto, como existe a impressão de supremacia das forças conservadoras na corrida eleitoral, esses desafios estão sendo escamoteados e adiados, conforme as conveniências do establishment.

O que veremos, na maioria dos estados, será o confronto de líderes, de pessoas, não de programas nem de idéias. Confrontos que se travarão, preferencialmente, entre peemedebistas e ex-peemedebistas, ante o desgaste eleitoral do PFL e do PDS e do limitado espaço geográfico ocupado pelo PDT e pelo PT.

Por isso, no longínquo Acre, o senador Mário Maia não aceitou a condução do processo sucessório pelo ex-governador Nabor Junior. Pediu as contas. Passou de armas e bagagens para o PDT. Os deputados Artur Virgílio e Mário Frota renegaram os métodos e o comando do governador Gilberto Mestrinho, mantendo, porém, fidelidade à Nova República. Por isso, fiados em seus prestígio pessoal, montaram um partido particular a fim de concorrer à sucessão estadual.

Na Bahia, em decorrência da forte personalidade do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, ele é o divisor de águas da campanha. Na boa terra, quem não está com ele, está contra ele. Por isso mesmo o respeitável Josafá Marinho, um dia desses, teve de vir a público lembrar ao eleitorado: "Olhem, o candidato sou eu. Não é o Antônio Carlos, não".

As contradições explodem, de todos os lados. Ninguém pode atirar a primeira pedra, em matéria de coerência. No Paraná, o senador biônico Affonso Camargo, saído da Arena para o PP e para o ministério de Tancredo Neves, tem todas as chances de referendar seu mandato nas urnas em 15 de novembro, na chapa, do ex-governador José Richa e do senador Alvaro Dias. Do outro lado do campo, Alencar Furtado, cassado pelo general Ernesto Geisel como líder do PMDB, tenta conquistar o governo do estado no mesmo palanque de Ney Braga, ex-ministro de Geisel, hoje alistado na Frente Liberal no comando de Itaipú.

Por aí se pode ter idéia bem precisa de como se procura evitar, escamotear o dissídio ideológico. Bem conforme a tradição brasileira discutimos pessoas, ídolos, cacoetes individuais e não idéias, doutrinas, posturas ideológicas. O que vamos, como sempre, tentando deixar para depois.

10 JUN 1986

COMUNICAÇÃO